

Claudio Dias

Como disse em registro anterior, éramos quatro negros na moderna redação de *Última Hora*, no fim dos anos 1950, e nos ligávamos nos horários e tarefas que nos cabiam. Lá estava o Florianinho, que apesar de estarmos juntos por um par de anos, nunca conheci seu nome completo – esse diminutivo de Floriano andou conosco, a repetir a forma como colegas mais antigos o haviam batizado. Ele estava um grau acima dos repórteres, pois por sua capacidade de resumir textos e domínio da língua, era titular de uma inovação na imprensa gaúcha: o copidesque. Eu como os demais da redação saíamos a campo, recolhendo matérias, e depois de redigirmos o texto o entregávamos para o chefe da redação, que encaminhava para dois copidesques, sendo o outro o jornalista e político adiante, Ibsen Pinheiro. Com certa decepção, víamos no dia seguinte, no material impresso no jornal, o assunto que havia sido entregue, porém lá estava completamente alterado, para caber nas marcações que o diagramador das páginas definia.

Dentre os repórteres como eu, que saíamos à rua para trazer matérias, estava o Claudio Dias. Um meteoro. Veio de Santa Maria, onde trabalhou num jornal daquela cidade; pousou por curtíssimo tempo na redação porto-alegrense, e foi embora para o Nordeste. Nunca mais o vi. Deixou, todavia, uma história que trazia caminhos que eu cruzaria no futuro de então.

O Claudio trabalhou no escritório de advocacia de um famoso rábula, tido como imbatível na Justiça Militar, era chamado de Dr. Armando Hipólito, título que não possuía, por não haver frequentado uma faculdade de Direito.

O “Dr” Armando Hipólito dos Santos antecede na profissão o registro na OAB, órgão criado somente em 1930. Já havia faculdades de Direito em vários estados, inclusive na nossa Porto Alegre. Mas havia a necessidade de haver pessoas capazes de defender demandas nos conflitos do mundo legal. Eram os rábulas. Dicionários atuais não resgatam por completo a função do rábula, mas o estrangeiro Google dá dignidade à profissão vetusta, assim:

*O termo **rábula**, que hoje é utilizado como algo pejorativo para se fazer referência àqueles que possuem um mero conhecimento prático do Direito, já foi também utilizado, durante anos, para se referir a uma classe de “práticos do Direito”, “provisionados”, que exerciam um papel fundamental na sociedade em que viviam.*

Em meu romance *As Nações* incluo como personagem relevante um rábula de nome Altair, reverenciando a profissão antiga, num ente de ficção próximo da realidade que conheci.

Vim a encontrar o velho *advogado*, no Clube Náutico Marcílio Dias. Em um evento, formavam dupla dois brasileiros, por suas idades, bem próximos do fim da escravidão. O rábula e o advogado, este tornou-se político, chegou a assumir o governo do estado do Rio Grande do Sul, formado na Faculdade de Direito de Pelotas, o Dr. Carlos da Silva Santos.

O outro a soma dos dons que lhe eram inatos, oratória, agilidade mental e conhecimento empírico jurídico capazes de o projetar como advogado naqueles tempos passados.

Nos dois as trilhas da evolução dos escravizados. O grande rábula e o notável advogado.